

Carlos Henrique Alves Moura

IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

grupo de trabalho 13

LIVROS E TEXTOS DIDÁTICOS: ESTUDOS SOBRE PROCESSOS DE NORMALIZAÇÃO E AS
DISPUTAS DA SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

NORTE GLOBAL, SUL GLOBAL E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: UMA POSSIBILIDADE DE
DIÁLOGO

São Paulo, São Paulo

2025

NORTE GLOBAL, SUL GLOBAL E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: UMA POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO

Carlos Henrique Alves Moura ¹

RESUMO

Este trabalho se dedicou a analisar a possibilidade do livro didático de sociologia figurar como objeto de pesquisa para as investigações sobre o “Norte e Sul Global”, com atenção voltada para a agenda da valorização das distintas tradições nacionais. O objetivo geral deste trabalho é compreender como diferentes formas de mobilização do Pensamento Social Brasileiro (PSB), no livro didático de sociologia, podem suscitar investigações para a agenda supracitada. O objetivo específico será a análise comparativa da mobilização do PSB em duas obras didáticas distintas: *Sociologia em Movimento* (2015) e *Sociologia Hoje* (2015). Sustento que nesta obra, a forma peculiar de organização e apresentação do PSB estabelece profícuo debate com as considerações acerca da valorização das distintas tradições nacionais. A base teórica do presente trabalho está ancorada nas questões propostas por Raewyn Connell e João Marcelo Maia. Os resultados indicam uma promissora possibilidade de pesquisa tendo como objeto o livro didático de sociologia.

Palavras-chave: Norte Global, Sul Global, Ensino de Sociologia, Livro Didático.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedicou a analisar a possibilidade do livro didático de sociologia figurar como objeto de pesquisa para as investigações sobre o “Norte e Sul Global”, com atenção voltada para a agenda da valorização das distintas tradições nacionais. O objetivo geral deste trabalho é compreender como diferentes formas de mobilização do Pensamento Social Brasileiro (PSB), no livro didático de sociologia, podem suscitar investigações para a agenda supracitada. O objetivo específico será a análise comparativa da mobilização do PSB em duas obras didáticas distintas: *Sociologia em Movimento* (2015) e *Sociologia Hoje* (2015). Sustento que nesta obra, a forma peculiar de organização e apresentação do PSB estabelece profícuo debate com as considerações acerca da valorização das distintas tradições nacionais. A base teórica do presente trabalho está ancorada nas questões propostas por Raewyn Connell (2012; 2017) e João Marcelo Maia (2009; 2011; 2017).

A valorização de distintas tradições nacionais e o fortalecimento de um sistema alternativo de conhecimento, proposto por Raewyn Connell (2012;2017), coloca a necessidade

¹ Doutorando em Ciências Sociais (PPGCIS/PUC-Rio); Branco; Homem CIS; Morador de Belford Roxo (Baixada Fluminense) – Rio de Janeiro; alvescarloshm@gmail.com;

de revisão e reflexão acerca da universalidade teórica do Norte Global. O conhecimento do Sul Global, mesmo não sendo reconhecido como teoria social, apresenta uma constelação de questões próprias importantes para a compreensão de cada sociedade, revelando questões do desenvolvimento do processo histórico particular de cada país. No caso do Brasil, o Pensamento Social Brasileiro (PSB) cumpre esse papel no século XX (MAIA, 2009; 2011).

O livro didático de sociologia se apropria dos debates do PSB e os mobiliza em diferentes temas. Essa apropriação possibilita caminhos para o estranhamento e a desnaturalização de processos históricos brasileiros, sendo assim, o PSB no livro didático também reconstitui um universo de questões particulares. Sendo o livro didático uma possibilidade de circulação de ideias, as análises sobre esse objeto são interessantes para a compreensão do desenvolvimento das ciências sociais.

A técnica de pesquisa consistiu na análise comparativa da mobilização do Pensamento Social Brasileiro em dois livros didáticos, *Sociologia em Movimento* (2015) e *Sociologia Hoje* (2015). O trabalho observou o conjunto de autores mobilizados, a forma dessa mobilização e a sua distribuição ao longo da obra. Esses dados são importantes para a compreensão da possibilidade da valorização das distintas tradições nacionais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O par “Norte Global e Sul Global”, também definido como “Centro e Periferia”, é essencial para a socióloga australiana Raewyn Connell (2012) estabelecer a sua análise sobre a dominação e a hierarquização da produção global do conhecimento científico. No período formativo dos estudantes, sobretudo na pós-graduação, é possível observar o início dessa dinâmica. Os alunos do Norte Global, ao realizarem intercâmbio em países do Sul Global, têm como objetivo investigar questões específicas das suas pesquisas, coletar dados e realizar trabalho de campo. Ao observarmos o movimento inverso, estudantes de pós-graduação da Periferia estabelecendo relações com instituições do Centro, o objetivo está mais ligado à especialização e treinamento avançado (CONNELL, 2012)².

² Ao analisarmos o caso brasileiro, é possível refletirmos sobre essa relação na própria construção da pós-graduação, principalmente quando atentamos para a importância das fundações – especialmente a Fundação Ford – que estimularam a formação de cursos de doutorado, cooperando com o financiamento de bolsas e a estruturação dos programas (MAIA, 2017).

Essa relação desigual é estabelecida para além da formação e repercute na atuação profissional. Ao enunciar que “Teoria é o trabalho que o centro faz.” (CONNELL, 2012, p. 9), a autora expõe como o Norte Global hierarquiza a produção de conhecimento e desconsidera o trabalho intelectual do Sul Global. Este, só se torna “Teoria Social” quando metodologicamente organizado, validado e reconhecido internacionalmente a partir das concepções estabelecidas pelo Norte Global (CONNELL, 2017)³. Essa dinâmica coloca o intelectual do Centro como portador da ciência avançada e indispensável para a produção de conhecimento. Isso é perceptível no uso constante de autores europeus e norte-americanos nas bibliografias de trabalhos acadêmicos e artigos científicos. Diante dessa questão, os paradigmas estabelecidos por autores do Centro são reafirmados e consolidados pelas instituições universitárias de todo o ocidente:

Na Austrália ou no Brasil, nós não citamos Foucault, Bourdieu, Giddens, Beck, Habermas etc. porque eles conhecem algo mais profundo e poderoso sobre nossas sociedades. Eles não sabem nada sobre nossas sociedades. Nós os citamos repetidas vezes porque suas ideias e abordagens tornaram-se os paradigmas mais importantes nas instituições de conhecimento da metrópole e porque nossas instituições de conhecimento são estruturadas para receber instruções da metrópole. (CONNELL, 2012, p. 10).

A academia do Norte Global dispõe de mecanismos de hierarquização, tendo a sua qualidade chancelada, mesmo que por termos próprios e autocentrados, nas diversas formas de ranqueamento ao qual cientistas e universidades de todo o mundo estão submetidos⁴. Connell (2017) aponta que a ideia de um índice de mensuração da atividade acadêmica produz a percepção de que há um domínio único em cada área do saber - que podemos aqui considerar como sendo o modelo de ciência mais avançado e bem desenvolvido. Esse domínio, avaliado nos sistemas de ranqueamento, pertencem à produção realizada pela intelectualidade do Norte Global, que exerce a hegemonia qualitativa, definindo os paradigmas teóricos e conceituais, e quantitativa, estabelecendo os parâmetros e as regras de avaliação e classificação. Esse formato de vida intelectual suprime a emergência de novas perspectivas de conhecimento, tornando assim as referências menos diversas do que poderiam ser (CONNELL, 2017, p. 98):

[...] o regime de auditoria neoliberal que mencionei no início, a contagem, a medição, a classificação e os testes obsessivos que reduzem a cultura e o conhecimento a manjedoura bem embalada, é ele mesmo a prova do que pretende suprimir: a enorme

³ A autora pontua que apesar de haver conhecimento e análise de dados no Sul Global, esse conhecimento só é validado quando utilizados pressupostos teóricos e metodológicos estabelecidos pelo Norte Global.

⁴ É importante ressaltar que essas críticas não têm por objetivo desqualificar a produção do Norte Global; ela tem qualidade e grande relevância para a produção científica. O que estamos tratando é a exposição das formas de domínio, hierarquização e hegemonia da produção desse conhecimento.

e espantosa diversidade, a multiplicidade em erupção, de possíveis projetos de conhecimento.

Essa relação hierárquica, segundo Connell (2012), apresenta um problema na reflexão dos processos históricos. A Teoria Social só pode ser feita a partir da reificação da experiência social, sendo esse o processo que permite ao indivíduo a compreensão do mundo e das suas questões. Contudo, a Teoria Social que se pretende universal não pondera que cada intelectual reifica a sua experiência a partir de alguns marcadores, tais como, raça, gênero, classe e regionalidade.

O intelectual europeu reifica a sua experiência conforme a sua vida na Europa, de forma que a sua experiência não é universal, por mais que haja paralelo com outras realidades e outras experiências em diferentes regiões do planeta. Essa regionalidade implica a vivência, e a não vivência, de experiências específicas, a exemplo do colonialismo. Os países que são exportadores de conceitos e paradigmas - a exemplo da França, Inglaterra, Alemanha e Itália - não foram colonizados, ao contrário, alguns foram colonizadores. A análise do colonialismo geralmente não surge e não é “confortavelmente contida dentro das estruturas do conhecimento da metrópole global” (CONNELL, 2017, p. 97), ou seja, ela só pode ser realizada, em sua máxima expressão, através das experiências regionalizadas de países que foram colônias. Essa questão coloca os países periféricos, inclusive o Brasil, como não receptores passivos de teorias e conceitos tidos como externos (MAIA, 2017).

Contudo, é possível estabelecer alguma resistência, e isso vem se tornando cada vez mais comum. A estratégia de “ênfatar as distintas tradições nacionais ou estilos de trabalho intelectual” (CONNELL, 2012, p.11) e a crítica pós-colonial do pensamento europeu, são dois exemplos dessa forma de resistir. Esses movimentos buscam afirmar um sistema de conhecimento alternativo que pode contestar o padrão global de centralidade (CONNELL, 2017, p. 90) e apresentar um potente pensamento social produzido na periferia. Diante disso, o vigor dessa produção acadêmica do Sul Global está em contribuir para uma revisão e reflexão crítica acerca da literatura acadêmica produzida no Centro, colocando ambas geograficamente e politicamente localizadas em seus debates. Essas especificidades, que influenciam a forma de reificar questões, tem como consequência a diversidade e a pluralidade da produção de conhecimento, essencial para se compreender as dinâmicas sociais a partir de diversas perspectivas.

Ambos os trabalhos da socióloga Raewyn Connell são importantes para estabelecer a base deste artigo, o fortalecimento de um sistema alternativo de conhecimento que busca

valorizar tradições nacionais distintas, escapando à pretensa universalidade global. Essa concepção é fundamental, uma vez que tomamos a produção sociológica brasileira como uma dessas tradições que deve ser valorizada. Ao realizarmos esse movimento observamos as especificidades de diferentes processos históricos – a exemplo da importância da questão do direito à terra no Sul Global (CONNELL, 2012; MAIA, 2009) - além de uma diversidade de assuntos que assumem “a ordem do dia” em diferentes contextos:

[...] Intelectuais da periferia estão constantemente utilizando elementos do pensamento produzido na metrópole, e as preocupações de pesquisadores do Sul obviamente se encontram com aquelas do Norte. Mas o pensamento social na periferia global ocorre sob condições diferentes, tem pressupostos e possibilidades distintas, e suas consequências têm, para utilizar uma metáfora, um centro diferente de gravidade. (CONNELL, 2012, p. 13).

A partir do debate proposto por Dipesh Chakrabarty, João Marcelo Maia apontou considerações sobre a importância dessa particularidade. Ao refletir sobre a provincialização da teoria metropolitana, o autor pondera que Chakrabarty se refere ao universo teórico da Ciência Política europeia como a interpretação de uma história particular, e não universal (MAIA, 2009). Essa perspectiva da não universalidade, apontada também por Connell, coloca que a base conceitual da sociologia do Centro não pode ser tomada como o ponto de partida indiscutível de todas as sociedades, mas somente da Europa, abrindo perspectivas para o conhecimento alternativo.

Essas considerações são de grande importância para refletirmos sobre o Pensamento Social Brasileiro (PSB). João Marcelo Maia (2009) aponta que as particularidades das crises pela qual a sociedade brasileira passa, acaba por colocar sempre debates clássicos para a reflexão contemporânea, de modo que temas tratados na primeira metade do século XX ainda são pertinentes nesse primeiro quarto do século XXI. Isso deve-se a potência da produção do nosso Pensamento Social Brasileiro em suscitar debates teóricos contemporâneos, sendo capaz de influenciar na imaginação sociológica atual (MAIA, 2008), revisitando antigos temas com novas perspectivas, argumento também pontuado por Elide Rugai Bastos (2011).

Dada a importância do PSB, Maia (2009) colocará essa tradição em diálogo com outros debates do Sul Global, uma vez que os autores clássicos do pensamento social brasileiro estavam refletindo sobre os dilemas modernos não somente do ponto de vista do Centro, mas também de uma perspectiva alternativa a essas – o que foi um movimento comum durante o século XX em toda a Periferia. O trabalho de André Botelho (BOTELHO, 2002, p.162 apud MAIA, 2009), será importante nessa argumentação, ele reafirma a posição de Maia de “articulação da tradição intelectual brasileira a outro lugar discursivo contemporâneo, que

incorpore categorias e eixos analíticos não necessariamente contemplados pela teoria social produzida nos contextos europeu e anglo-saxão.”.

Há a necessidade de se fazer um esforço “transnacional” que coloque os diferentes conhecimentos em diálogo, não isolando a produção intelectual de cada país como se fosse única e sem influência externa, mas também não dando um caráter universalizante de uma região em particular. Essa percepção permite que observemos alguns debates importantes no Sul Global, e não tão relevantes no Norte Global. Um bom exemplo para se pensar é a questão da “dependência econômica”, tema integrador de debates na América Latina, porém, sem tanto peso no Norte Global (MAIA, 2017).

Beigel também compartilha com as abordagens tidas como transnacionais a concepção que o “internacional” não é uma dimensão externa a ser contraposta aos fatores endógenos, mas sua abordagem avança em dois aspectos [...]: (a) reconhece a importância de espaços institucionais e tradições intelectuais na América do Sul para a história global da sociologia, afastando a ideia de que esses seriam apenas derivações de espaços institucionais do centro; (b) evidência como havia circulação e troca institucional entre contextos distintos no hemisfério Sul, rompendo a visão de que o fluxo entre centro e periferia seria meramente unilateral (MAIA, 2017, p. 117).

Ao refletirmos acerca dessas colocações, nos interessa colocar peso considerável para a narrativa da história da Sociologia brasileira, admitindo-se que a narrativa da história da Sociologia, frequentemente apresentada aos iniciantes nas Ciências Sociais, não é global. Ao considerarmos a universalização europeia como a universalização de uma história particular, colocamos o Pensamento Social Brasileiro como algo que, apesar de particular ao país, é parte presente e compõe a história da Sociologia, não sendo ele uma mera história brasileira, mas que entra em contato com a produção de outros países. Ou seja, o par universalização e particularização pontua que todas as histórias são particulares, porém, elas juntas compõem uma história global da disciplina, sem hierarquização e universalização. Nos termos propostos por João Marcelo Maia o Pensamento brasileiro tem “muito à oferecer à teoria global, pois seu universo de imagens, narrativas e modos de cognição são peças importantes para a constituição desse lugar de discurso fronteiriço e para o seu próprio adensamento crítico.” (MAIA, 2009, p. 166).

Em síntese, os textos de Connell (2012; 2017) são fundamentais para estabelecermos que a Teoria Social que hoje conhecemos como universal, e que estabelece paradigmas e conceitos, não é de fato universal, mas sim regional, do Norte Global. Reconhecendo que ela é de extrema importância para a produção de conhecimento, devido à sua qualidade, é preciso compreendermos os seus limites, que reifica as próprias experiências. Sendo assim, há a

necessidade da valorização de outras tradições nacionais e o fortalecimento de um sistema de conhecimento alternativo que proporcione a revisão e reflexão dos paradigmas estabelecidos no Norte Global. Esse arranjo nos permite considerar o Pensamento Social Brasileiro como uma dessas tradições que pode ser valorizada e que contribui para a construção de um sistema de conhecimento alternativo. O universo construído pelos intérpretes do Brasil se torna uma forma de narrar os debates brasileiros e de outros países da Periferia, com a mesma validade de qualquer outro universo constituído em quaisquer outros países.

A particularidade é importante para definirmos a falsa pretensão universal e colocarmos essas particularidades em diálogo com outras particularidades em outros países, uma vez que reflexões com temáticas similares, a exemplo da “dependência econômica”, estão acontecendo simultaneamente em diferentes locais, se tornando um debate transnacional. Esse conhecimento só foi possível de ser construído a partir dos debates realizados no campo de pesquisa do Pensamento Social Brasileiro em parceria com pesquisadores estrangeiros, no qual estudiosos da área se debruçaram sobre as mais distintas tradições nacionais em busca de aprofundar o conhecimento.

Como se vê, o debate sobre a dimensão transnacional na história da sociologia vive um interessante momento. Por um lado, historiadores da disciplina situados no coração da tradição dos países centrais têm se valido dessa abordagem para superar as limitações do nacionalismo metodológico e das tradições nacionais, o que permite aos estudiosos visualizar fluxos institucionais e dinâmicas intelectuais que estão presentes desde sempre na própria construção dos sistemas científicos da sociologia. Por outro lado, algumas dessas abordagens ainda ignoram o papel desempenhado pelos circuitos tidos como periféricos, que, como se pôde verificar nas abordagens de Beigel e de Keim, não se limitam a receber ou importar teorias e conceitos. A melhor forma de equacionar essa tensão não é pela via do debate teórico puro, mas sim com a produção de mais estudos empíricos que comprovam como os espaços periféricos tiveram um relevante papel na construção da história das ciências sociais. (MAIA, 2017, p. 118)

Há tantas sociologias quantas tantas histórias particulares existirem, tendo a Teoria Social de maneira localizada e com base na particularidade do processo histórico. O conhecimento globalmente difundido acerca da história da Sociologia narra a história das questões particulares do desenvolvimento da sociologia europeia, que se pretende global. Essa narrativa histórica, que tem seu início no século XVIII, não pode ser vista como o desenvolvimento comum a todos os países, por mais que ela tenha forte impacto no desenvolvimento histórico dos países do Sul global.

A agenda de pesquisa proposta por João Marcelo Maia foca na produção de pesquisadores do campo do Pensamento Social Brasileiro. Contudo, neste trabalho pretendo estabelecer diálogo com um objeto de estudo do subcampo de pesquisa em Ensino de Sociologia, o livro didático. Os debates propostos por Raewyn Connell e João Marcelo Maia levaram esse artigo a considerar a presença do Pensamento Social Brasileiro (PSB), nos livros didáticos de sociologia, como uma possibilidade de estímulo à imaginação sociológica que contemple um sistema alternativo de conhecimento e que demonstra a não universalidade das experiências do Norte Global.

A obra *Sociologia Hoje* (2015) apresenta uma abordagem diferente das demais obras aprovadas no edital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2015 (BRASIL, 2013)⁵. A primeira diferença se dá na apresentação sequencial da Antropologia, da Sociologia e da Ciência Política, restritas a unidades específicas. Essa organização não é utilizada pelas demais obras, que tendem a trabalhar as diferentes áreas de forma paralela e não sequencial. No *Sociologia Hoje* (2015) o percurso explicativo inicia-se com a cultura, passa pela sociedade e termina no poder e cidadania, respeitando a área de cada unidade. A segunda diferença versa sobre cada uma dessas unidades apresentarem um capítulo dedicado especialmente para o Brasil. Sendo assim, a unidade de Antropologia tem o capítulo intitulado “Antropologia Brasileira”, a unidade de Sociologia tem o capítulo “A sociologia brasileira” e a unidade de Ciência Política tem o capítulo “A política no Brasil”. A título de comparação, o livro *Sociologia em Movimento* (2015), da editora Moderna, apresenta o debate sobre cultura e escolas antropológicas no capítulo três, socialização no capítulo quatro e multiculturalismo e diversidade cultural no capítulo cinco, ou seja, as fronteiras entre Antropologia, Sociologia e Ciência Política não são tão demarcadas.

Analisando o livro didático da Moderna, os capítulos são organizados por eixos temáticos específicos e sempre que necessário, ou desejável, a obra recorre ao universo de discussões do Pensamento Social Brasileiro para debater alguma questão específica, como podemos observar no artigo de Julia Polessa Maçaira e Carlos Alves Moura (2024). Os autores analisaram a mobilização do PSB em duas obras da Editora Moderna, demonstrando como esse conhecimento brasileiro aparece ao longo de todo o livro e em diferentes capítulos. As intenções

⁵ Os demais livros aprovados nesse PNLD foram: *Sociologia para o ensino médio* (2013), *Tempos Modernos, tempos de sociologia* (2013), *Sociologia* (2014), *Sociologia em Movimento* (2015), *Sociologia para jovens do século XXI* (2013).



de Maçaira e Moura não se relacionavam com o debate sobre Norte Global e Sul Global, entretanto, a descrição apresentada sobre o PSB no livro *Sociologia em Movimento* (2015) contempla a análise realizada nesta pesquisa. Podemos observar que os temas mais requisitados para o PSB participar do debate são: questão racial, globalização, liberalismo, democracia, cidadania, teoria da dependência e modernização. O quadro a seguir, construído pelos autores, apresenta como os pensadores estão distribuídos ao longo da obra.

Quadro 1 - Distribuição da mobilização de Pensadores Sociais ao longo do livro *Sociologia em Movimento* (2017)

Pensador Social Brasileiro	Página	Pensador Social Brasileiro	Página
Paulo Freire	24	Wanderley Guilherme dos Santos	189
Carlos Nelson Coutinho	101	Octavio Ianni	244
Kabengele Munanga	113	Celso Furtado	270
Gilberto Freyre	120	Fernando Henrique Cardoso	271
Florestan Fernandes	121	Theotônio dos Santos	272
Oliveira Vianna	159	Milton Santos	285
Sérgio Buarque de Holanda	159	Lelia Gonzalez	342
Victor Nunes Leal	161	Antonio Candido	374
José Murilo de Carvalho	187		

Fonte: MAÇAIRA; MOURA, 2024.

Ao compararmos o livro didático *Sociologia Hoje* (2015) com o *Sociologia em Movimento* (2015), inicialmente consideramos que a forma de mobilização dos sociólogos brasileiros em cada capítulo é menor que a mobilização realizada pelas demais obras. Quando analisamos a unidade de antropologia, observamos que a obra traz pontualmente o trabalho de Mércio Pereira Gomes e Eduardo Viveiros de Castro. O mesmo acontece com a unidade referente à sociologia e à ciência política, que mobilizam Octavio Ianni, Renato Ortiz,



Raymundo Faoro, Fernando Limongi, José Cheibub e Sergio Abranches. Sendo assim, esses capítulos mobilizam cientistas sociais brasileiros, porém, não necessariamente o conjunto de autores identificados como pensadores sociais. A mobilização destes, está concentrada nos capítulos dedicados ao Brasil.

O capítulo “A Antropologia brasileira” inicia com os autores narrando a história da área e a diferenciando da construção em outros países, aborda também os estudos sobre população indígena - como o grande tema da antropologia brasileira- e a institucionalização dos cursos acadêmicos. Em seguida apresenta considerações sobre: os debates raciais, as perspectivas evolucionistas, os estudos sobre comunidade, as manifestações culturais, a “separação” entre antropologia e etnologia, os estudos sobre campesinato, assalariados e migração, as vida nas grandes cidades, a violência periférica, a heteronormatividade e as questões gênero. Nesses debates são mobilizados: Silvio Romero, Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Roberto DaMatta, Darcy Ribeiro, Eunice Durham, Gilberto Velho, Roberto Cardoso de Oliveira e Ruth Cardoso.

Observando o capítulo referente à Sociologia brasileira, identificamos a mesma tentativa de percurso histórico. Apesar das influências intelectuais estrangeiras, o livro pontua que o desenvolvimento da sociedade brasileira exigiu que seus intérpretes voltassem sua atenção para a formação nacional, sendo este o debate mais importante da sociologia do final do século XIX e início do século XX. Após essa introdução, o capítulo aborda a geração de 1930, a criação dos cursos universitários, o papel político e econômico do Brasil na divisão internacional do trabalho, a experiência colonial, a reprodução do “passado de desigualdade” desta condição de colônia, a escravização de pessoas, a questão racial e cultural, a vida rural e o latifúndio⁶, a influência marxista, o liberalismo e a política nacional, os processos de dominação, a modernização e o trabalho. Os autores mobilizados são: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Sergio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Antonio Sergio Guimarães, Kabengele Munanga, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos.

O capítulo “A Política no Brasil”, coloca o início da Ciência Política na década de 1960, como um evento posterior ao surgimento da Antropologia e da Sociologia. O período anterior a esse produziu interpretações políticas – atualmente conhecidas como Pensamento Político

⁶ Essa questão é especial, pois Connell (2012) aponta como a questão sobre a “terra” é fundamental para o Sul Global e não é tão presente na reflexão do Norte Global. O mesmo se aplica à reflexão sobre a experiência colonial.

Brasileiro - que buscavam compreender a formação do Estado brasileiro e o futuro da política nacional. Pontua como a década de 1980 representou um ponto de inflexão para a área a partir dos estudos sobre redemocratização, sistema político e partido político. Diante dessa apresentação, os intérpretes do Brasil mobilizados são José Murilo de Carvalho, Simon Schwartzman e Raymundo Faoro, para discutir o período colonial, as inspirações weberianas, o conceito de patrimonialismo e as relações de favores e as formas associativas.

Explicado essas características, retoma-se a ideia da singularidade e das heranças coloniais e escravocratas como a principal característica do Estado brasileiro. Estas, implicam problemas atuais, a exemplo da desigualdade econômica, racial, acesso à direitos e o exercício da cidadania. Detalhando essas afirmações, a partir da obra de José Murilo de Carvalho, o capítulo aborda a década de 1930 e a sua relação com os direitos políticos, sociais e civis na história brasileira, finalizando com o debate sobre o processo autoritário que resultou em uma ampla “importância” do poder executivo na vida da população. A partir desse momento não se mobiliza mais o PSB, o capítulo passa a analisar o desenvolvimento da política, até mais do que da Ciência Política, no Brasil, abordando sistemas partidários e a trajetória dos partidos e de algumas personalidades do mundo da política, para tal mobiliza-se alguns renomados intelectuais, entre eles: Argelina Figueiredo, Fernando Limongi, Sergio Abranches, Fabiano Santos, Leonardo Avritzer e Sérgio Praça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do debate teórico proposto por Raewyn Connell e João Marcelo Maia estabelecemos a valorização das distintas tradições nacionais e o fortalecimento de um sistema de conhecimento alternativo como dois fatores importantes para a expansão da discussão da história global da Sociologia. Considerando o Pensamento Social Brasileiro como uma dessas tradições a serem valorizadas, este artigo investigou a sua mobilização no livro didático *Sociologia Hoje* (2015) e a comparou com a mobilização realizada pelo livro didático *Sociologia em Movimento* (2015). A hipótese levantada foi a de que a forma concentrada de apresentação, com três capítulos dedicados ao Brasil, permitiria um diálogo mais profícuo com o referencial teórico, podendo estimular uma reflexão acerca da noção universalizante da Sociologia.

A pesquisa observou que a obra *Sociologia Hoje* (2015) tem a preocupação em narrar o percurso histórico das Ciências Sociais no Brasil, com uma abordagem relativamente diferente da realizada pela obra *Sociologia em Movimento* (2015). Esta, mobiliza os pensadores sociais para apresentar e exemplificar as discussões temáticas na realidade nacional, partindo da discussão geral do Norte Global para o exemplo brasileiro. O livro didático *Sociologia Hoje* (2015) mobiliza o PSB enquanto um debate histórico e temporal que mobilizou intelectuais em diferentes momentos da vida pública brasileira, Sendo assim, ele apresenta uma apresentação constelação de questões próprias importantes para a compreensão da sociedade brasileira, revelando questões do desenvolvimento do processo histórico particular do Brasil. Cabe pontuar que essa ponte não estabelece um diálogo transnacional com outros países periféricos, mas também não é alocada como um exemplo, ou desdobramento, da discussão do Centro.

É necessário afirmarmos que a forma de mobilização diluída utilizada no *Sociologia em Movimento* (2015) não é em “superior” ou “inferior” à forma proposta pelo *Sociologia Hoje* (2015), esse definitivamente não era o foco de nossa análise. Porém, é importante ponderarmos que ela não apresenta um debate tão sistematizado, sendo os autores mobilizados por tema e de forma pontual, dificilmente assumindo o protagonismo do debate. Enquanto, a mobilização concentrada, ou seja, a construção de um capítulo para a análise de cada área e seu desenvolvimento no Brasil, oferece uma possibilidade de sentido histórico às Ciências Sociais no Brasil, sistematicamente organizada e cronologicamente apresentada, constituindo em um esforço genuíno em remontar um debate histórico que possa constituir em um sistema de conhecimento alternativo.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Elide Rugai. Atualidade do pensamento social brasileiro. *Sociedade e Estado*, v. 26, p. 51-70, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000200004> . Acesso em 20 nov. 2024.

BOTELHO, André. Um ceticismo interessado: Ronald de Carvalho e sua obra nos anos 20. Campinas, tese de doutorado, Departamento de Sociologia do IFCH/Unicamp, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o programa nacional do livro didático PNLD 2015. Brasília: MEC/SEF, 2013

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, p. 09-20, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300001> . Acesso em 20 nov. 2024.

CONNELL, Raewyn. Usando a teoria do Sul: descolonizando o pensamento social na teoria, na pesquisa e na prática. *Revista Epistemologias do Sul*, v. 1, n. 1, p. 87-109, 2017.

MAÇAIRA, Julia Polessa; MOURA, Carlos Henrique Alves. A Sociologia no PNLD 2018 e 2021:: terceira geração redux. *Simbiótica. Revista Eletrônica*, v. 11, n. 2, p. 164-181, 2024.

MACHADO, Igor José de Renó, et al. Sociologia Hoje. Volume único. 1.ed. São Paulo: Ática, 2015.

MAIA, João Marcelo Ehlert. A terra como invenção: o espaço no pensamento social brasileiro. Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

MAIA, João Marcelo. Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, p. 155-168, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000300011> . Acesso em 20 nov. 2024.

MAIA, João Marcelo E. Ao sul da teoria: a atualidade teórica do pensamento social brasileiro. *Sociedade e Estado*, v. 26, p. 71-94, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922011000200005> . Acesso em 20 nov. 2024.

MAIA, João Marcelo Ehlert. História da sociologia como campo de pesquisa e algumas tendências recentes do pensamento social brasileiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 24, n. 1, p. 111-128, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000100003> . Acesso em 20 nov. 2024.

SILVA, Afrânio et al. Sociologia em Movimento. 2.ed. São Paulo, Moderna, 2015.